

Milhares de pessoas são mortas e perseguidas, diariamente, por viverem em zonas de guerra. Por todo o Mundo, desgraças assolam aqueles que não conseguem defender-se. No entanto, nós, pseudocivilização, ignoramos esses problemas, na maior manifestação de indiferença jamais realizada, que cessaria de imediato se fôssemos nós os atingidos. Certas condições, tão vulgares para nós, como ter acesso a água ou a comida, a educação ou a uma casa, são, para outros, um luxo incomensurável e pertencem apenas aos seus sonhos mais loucos.

É necessário que cada um de nós tenha consciência da precária e miserável existência de todos aqueles que, apesar das adversidades com que a sorte os dotou, se declaram sortudos por terem aulas debaixo dos ramos bondosos duma árvore. Vivemos cobertos pelo lençol da ignorância, pela cortina da indiferença! Em todos os nossos atos, em todas as situações em que reclamamos contra tudo e contra todos por qualquer migalha que seria, para os famintos, como um pão inteiro, uma gota que seria como um oceano. Apenas nas ocasiões em que a dor, a mais poderosa das emoções, se apodera de nós, em que a sorte inconstante nos mergulha no abismo do infortúnio é que enxergamos através da venda que cobre os nossos olhos e descobrimos a verdade. Só então damos valor ao que considerávamos adquirido e reconhecemos que erámos verdadeiramente afortunados quando comparados com pobres homens nossos irmãos.

Somos cegos. Anunciamos que a Humanidade chegou ao seu píncaro, quando nos recusamos a identificar-nos com a miséria dos outros, preferindo ignorá-la. Pensamos em tudo como adquirido. No entanto, perceberíamos que há quem tenha muito menos e tenha a ousadia (ou a loucura) de se considerar feliz.